

COMUNICACIONES

A hermenêutica do si: um estudo sobre a noção de identidade no pensamento de Paul Ricoeur

Corá, Élsio J., Vieira, Allan J. (Universidade Federal da Fronteira Sul – Brasil)

1 Introdução

A temática da identidade pessoal é um dos pontos centrais do pensamento de Paul Ricoeur. Isso pode ser evidenciado, por exemplo, em *O Si-mesmo como um Outro* (1991 – notadamente nos estudos V e VI), além de outros textos periféricos¹ que auxiliam na compreensão das discussões que o filósofo traz à cena relativamente ao problema da identidade pessoal. O que, afinal, significa possuir uma identidade? O uso do termo na linguagem ordinária remete ao sentido descrito, por exemplo, em um dicionário: “Identidade: conjunto das características próprias e exclusivas de um indivíduo; [...] consciência da própria personalidade; [...] estado do que fica sempre igual” (Houaiss, 2008, p. 402). As definições filosóficas, por sua vez, também parecem aludir à ideia de igualdade e unicidade, conforme aponta a afirmação de Aristóteles, no livro X da *Metafísica*: “[...] idênticas são as coisas cuja noção de substância primeira é única” (*Met*, X, 3, 1054 a). Segundo Ricoeur (1996), o problema da identidade pessoal possui seu ponto de partida no questionamento sobre algum modelo de permanência ao longo de uma vida. O escopo da investigação neste trabalho é saber se há, para a pessoa, algo que possa corresponder a essa exigência de permanência, a despeito das vicissitudes vivenciadas no decorrer do tempo. E, ainda, se esse algo pode enfrentar tal problema oferecendo uma resposta que não se resume a um *que*, mas que possa se apresentar como um *quem*.

2 Os dois modelos de identidade propostos por Ricoeur

Uma das primeiras observações de Ricoeur no quinto estudo de *Si-Mesmo como um Outro* é de que as tentativas filosoficamente articuladas que buscaram abordar os problemas da identidade pessoal não atentaram para o fato de que há, dentro desta perspectiva, uma dupla noção de “identidade” envolvida (Ricoeur, 1991). Trata-se da distinção entre ipseidade e mesmidade, que, segundo o autor, se torna problemática e demonstra todo seu alcance quando esses dois modelos identitários são confrontados com a questão de seu estatuto no tempo. Estas duas concepções do termo identidade no pensamento de Ricoeur estabelecem dois modos diferentes de permanência no tempo, que em dados momentos se recobrem, resultando daí a dificuldade em operar a distinção entre ambos, mas que também se deixam apreender em seus pontos de afastamento, sendo que nestes a ipseidade se vê liberta da égide da mesmidade.

A identidade-mesmidade ou identidade-*idem* constitui uma relação de relações. Ela envolve quatro variantes que contribuem para a definição de seu estatuto: identidade numérica, qualitativa, continuidade ininterrupta e permanência no tempo (Ricoeur,

1Cf. os ensaios: *Morre o personalismo, volta a pessoa...* e *Abordagens da Pessoa* in: RICOEUR, P. Leituras 2. São Paulo: Edições Loyola, 1996. Também *L'identité narrative*. Esprit, Paris, v. 7, n. 8, p. 295-304, 1988; e *La vida: un relato em busca de narrador*. Ágora – papeles de filosofia, Santiago de Compostela, v. 25, n. 2, p. 9-22, 2006.

1991). A *identidade numérica* é dada quando, de duas ou mais ocorrências de uma mesma coisa, ela é vista como sendo a mesma, ou seja, a identidade, posta sob estes termos, significa unicidade. Já a *identidade qualitativa* é a extrema semelhança entre duas coisas, tornando indiferente a substituição de uma pela outra. Mas esse caráter de similitude, quando confrontado com intervalos de tempo, pode gerar equívocos na definição da identidade de algo consigo mesmo, em sua reidentificação. Para superar essa dificuldade, entra em cena o conceito de *continuidade ininterrupta*. Esta se dá, por exemplo, quando observamos nossos retratos em idades sucessivas; estabelece-se, desta forma, a identidade de algo consigo mesmo, levando-se em conta o curso de seu gradual desenvolvimento e de suas mudanças, do primeiro ao último estágio. Essa continuidade serve, portanto, como reforço ou substituto da relação de similitude. Mas o que tal exemplo mostra é que o tempo se apresenta como fator de afastamento e dessemelhança, sendo assim um empecilho para a noção de identidade. Por isso se justifica a necessidade de um princípio de *permanência no tempo*, algo que seja invariável ao longo das mudanças graduais que se processam na esfera cronológica. Falando kantianamente, Ricoeur afirma que “[...] a permanência no tempo torna-se assim o transcendental da identidade numérica” (Ricoeur, 1991, p. 142). Esse princípio que se mantém de forma estável e fixa é a condição para que seja possível a identificação de uma coisa como sendo a mesma, única.

A identidade-mesmidade ou *idem* define-se, portanto, como um tipo de princípio invariante, que permite a reidentificação de algo ao longo do tempo como sendo o mesmo. No caso da identidade pessoal, a mesmidade traz as nossas vistas o *que* da pessoa. Esse “que” é representado pelo caráter, pólo em que *idem* e *ipse* confundem-se, e pelos traços biológicos. A mesmidade é colocada, assim, como uma estrutura de base em torno da qual vão se processar as mudanças a que a pessoa está sujeita ao longo de sua vida.

A identidade compreendida sob a perspectiva da ipseidade apresenta contornos de recobrimento com a identidade-*idem*, mas marca um modo próprio de permanência no tempo; ou seja, ela também fornece pontos de apoio que tornam a pessoa reidentificável como a mesma. Essa categoria de continuidade no plano temporal é irreduzível à mesmidade, apesar de, em seus pontos de contato, uma problemática se mostrar interior a outra; entretanto, a ipseidade não se deixa definir como um tipo qualquer de substrato imutável, estático. Antes, ela possui seu momento próprio, em que marca o afastamento da identidade vista como mesmidade.

Ricoeur (1991) exemplifica o que seja a identidade-*ipse* usando como paradigma para seu modo de permanência no tempo a *palavra dada*. Com efeito, a manutenção da palavra, cujo cânone é a promessa, representa o afastamento entre *idem* e *ipse*, visto que a identidade-ipseidade demanda um esforço, uma perseverança da pessoa para manter-se fiel a si mesma. Em *Percurso do Reconhecimento* (2006), Ricoeur define a ipseidade nos seguintes termos:

Essa ipseidade, ao contrário da mesmidade típica da identidade biológica e de caráter do indivíduo, consiste em uma vontade de constância, de manutenção de si, que coloca sua chancela sobre uma história de vida confrontada à alteração das circunstâncias e às vicissitudes do coração. É uma identidade mantida apesar de..., a despeito de..., de tudo o que inclinaria a trair sua palavra (Ricoeur, 2006, p. 141).

No prefácio de *Si-mesmo Como um Outro*, o filósofo já alerta para o fato de que a identidade-*ipse* não se refere a nenhum núcleo imutável de personalidade da pessoa.

Segundo nossa leitura, é exatamente deste ponto que a ipseidade retira toda sua força e marca uma posição de maior profundidade na experiência viva do si, se comparada à mesmidade. É justamente porque não é algo hermético, fechado e imune aos percalços de uma vida, que a identidade-*ipse* representa uma vontade de ser si mesmo, de se manter fiel a valores e escolhas previamente assumidas; ela demanda uma fidelidade para consigo mesmo, que parece remeter a uma experiência *vivida*, e não apenas constatada, observada, de identidade da pessoa com ela mesma.

É por que há uma relação dialética entre *idem* e *ipse*, e por que essa relação é constitutiva da identidade pessoal, que Ricoeur (1988; 1991; 1996) procura tematizá-la. O filósofo procura estabelecer os pontos em que os dois usos de “identidade” se recobrem, tornando-se quase indiscerníveis, e o momento que assinala a separação de ambos, mostrando a irredutibilidade de um modelo ao outro.

Em primeiro lugar, aparece a questão do caráter. Ricoeur define este como “[...] o conjunto de disposições duráveis *com que* reconhecemos uma pessoa” (Ricoeur, 1991, p. 146, grifo do original). Sobre este ponto, o filósofo francês retoma Aristóteles e sua noção de *hábito*. Este pode ser uma disposição já adquirida ou em vias de ser contraída. O hábito fornece, dessa forma, uma história ao caráter. O que Ricoeur observa é que a sedimentação de uma disposição, que torna ela durável e constitutiva da mesmidade da pessoa, tende a encobrir o momento inicial de inovação que a precedeu. Aqui, *idem* e *ipse* se recobrem. O *que* da pessoa, sua mesmidade (representada pelos traços distintivos do caráter) é interior ao quem, ou seja, a questão “quem sou eu?” é mediada pelo “que” sou eu. Em segundo lugar, há o fato de que uma pessoa pode ser reidentificada também pelos valores, regras, ideais e heróis *nos quais* a pessoa se reconhece. Nesse sentido, a alteridade passa a ser constitutiva de sua identidade. Mas, outra vez, o jogo de inovação-sedimentação tende a interiorizar o que antes era diferença, tornando essas *identificações-com* um traço do caráter do indivíduo.

O caráter, assim, fornece ao mesmo tempo a identidade numérica, qualitativa, a continuidade ininterrupta e a permanência no tempo dos quais depende a asserção da mesmidade da pessoa. Como observa o pensador francês, “o caráter é verdadeiramente 'o que' do 'quem’” (Ricoeur, 1991, p. 147).

O momento de diferenciação entre mesmidade e ipseidade ocorre no exemplo paradigmático de manutenção de si em que consiste a *promessa*. É por que a pessoa se compromete com algo, um valor, um ideal, uma convicção, ou ainda por que um outro confia na sua capacidade de fidelidade, que o modelo de permanência no tempo da identidade-*ipse* não pode ser confundido ou delimitado como igual à mesmidade. Como bem afirma Ricoeur (1991, p. 149), a perseveração de traços de caráter é uma coisa diferente da perseveração envolvida na fidelidade à palavra dada.

Para que a dialética subjacente entre mesmidade e ipseidade possa ser compreendida em toda sua amplitude e demonstre suas implicações na constituição da identidade pessoal, Ricoeur (1991) postula ser necessária uma mediação empreendida por meio das categorias da narrativa.

3 A identidade narrativa e a identidade pessoal

A polaridade aberta entre mesmidade e ipseidade no plano da permanência temporal faz surgir o que Ricoeur (1991, p. 150) chama de um “intervalo de sentido” que só é devidamente preenchido com o auxílio da narrativa. É ao agenciar os fatos de uma vida na tessitura da intriga que a pessoa pode compreender a dialética entre *idem/ipse*, entre permanência do caráter e denegação da mudança. Ou seja, é por intermédio da configuração narrativa de uma vida que a pessoa torna-se capaz de

compreender sua identidade narrativa (Ricoeur, 1988).

A noção de intriga (que precisa ser discutida em primeiro plano, para que se torne clara a maneira pela qual uma pessoa pode arquitetar a narrativa de sua própria vida) diz respeito à configuração entre a unidade temporal de uma história relatada, que confere um sentido e um caráter de coerência entre as diferentes situações narradas, e o acontecimento, que marca uma ruptura e uma reviravolta dos fatos, simbolizando a mudança no seio da continuidade. Assim, no próprio coração da intriga, que traz consigo a continuidade e logicidade típicas de uma história que forma um todo coerente, aparecem fatos que trazem uma descontinuidade que, num primeiro momento, parece ameaçar a inteligibilidade da narrativa. Mas, o que antes era diferença, contingência pura, transforma-se em continuidade, levando-se em conta o todo da história narrada. O filósofo francês chama essa “concordância discordante” de *síntese do heterogêneo* (Ricoeur, 1991, p. 169, grifo nosso). O que aparece como contingência, como acaso, capaz de provocar a discordância da história narrada (o *acontecimento*), acaba, num segundo momento, por possibilitar a concordância e o avanço dessa história.

A própria constituição da identidade do personagem narrado é indissociável da constituição da narrativa dos fatos. O personagem é, portanto, ele mesmo, intriga. Os extremos entre o pólo fixo do caráter, que confere uma coerência ao personagem e permite reidentificá-lo como o mesmo do início ao fim da trama, e a possibilidade de uma dissolução dos caracteres essenciais da pessoa, são mediatizados pela narrativa, que coloca sob nossos olhos a dialética da identidade pessoal, a saber, a relação de recobrimento e afastamento entre *idem* e *ipse*. A interdependência de personagem e intriga desnuda essa dialética interna ao personagem. O circuito concordância/discordância trazido pela narrativa se reflete na identidade do personagem, que, segundo a concordância, extrai sua singularidade da unidade de sua vida, distinta de qualquer outra. Essa unidade de vida é confrontada com os acasos e contingências que colocam em risco sua possibilidade de existência. Entretanto, a síntese entre concordância e discordância (*síntese do heterogêneo*) faz com que o caráter contingente do acontecimento tenha sua parcela de contribuição na necessidade (analisada retroativamente) da unidade da história de uma vida. Esta unidade, por sua vez, se iguala ao personagem. Como diz Ricoeur (1991), chega-se a um ponto em que o acaso se transforma em destino.

Mesmo nos casos em que a mesmidade parece ruir, nas possibilidades de narrativa em que a concordância corre o risco de se dispersar completamente, a identidade da pessoa não desaparece, pois ainda há alguém que pergunta por si mesmo: *quem sou eu?* Conforme Ricoeur: “Alguém coloca a questão: quem sou eu? Nada ou quase nada é a resposta. Mas é ainda uma resposta à questão *quem*, simplesmente conduzida à nudez da própria questão.” (Ricoeur, 2000, p. 186). A ipseidade estaria, nesse ponto, dissociada da mesmidade. Percebe-se que a narrativa abre a possibilidade totalmente original de se pensar uma identidade dinâmica, que une categorias aparentemente excludentes: a identidade e a diversidade (Ricoeur, 1991, p. 170).

A colocação da história de uma vida sob o signo das categorias oferecidas pela narrativa (histórica e fictícia) apresenta, segundo Ricoeur (2000), um *medium* privilegiado para a compreensão dessa vida:

[...] não se tornam as vidas humanas mais legíveis quando são interpretadas em função das histórias que as pessoas contam a seu respeito? E estas “histórias da vida” não se tornam elas, por sua vez, mais inteligíveis, quando lhes são aplicados modelos narrativos - as intrigas - extraídas da história e da ficção (drama ou romance)? O estatuto epistemológico da autobiografia

parece confirmar esta intuição. Parece, pois, plausível ter como válida a cadeia seguinte de asserções: o conhecimento de si próprio é uma interpretação, - a interpretação de si próprio, por sua vez, encontra na narrativa, entre outros signos e símbolos, uma mediação privilegiada, - esta última serve-se tanto da história como da ficção, fazendo da história de uma vida uma história fictícia ou, se se preferir, uma ficção histórica, comparáveis às biografias dos grandes homens em que se mistura a história e a ficção (Ricoeur, 2000, p. 178).

Ricoeur (1996) também assinala a contribuição da narrativa para a constituição do si. A coesão da pessoa surge com a compreensão do encadeamento de sua vida, sendo que este último marca a dialética entre continuidade e dispersão que acaba por ser mediatizada pela configuração em intriga de sua história.

Verifica-se, em *O Si-Mesmo como um Outro*, que o problema da identidade pessoal só pode ser articulado se for levada em conta sua dimensão temporal, ou seja, sua característica essencial de estar irremediavelmente ligada a uma existência, à história de uma vida. Por isso, a configuração narrativa dessa história pode oferecer modelos que escapem às aporias suscitadas pela problematização da identidade pessoal. A identidade narrativa permite à pessoa a apreensão e compreensão da polarização e do recobrimento entre *idem* e *ipse*; ela ocupa e confere sentido ao espaço entre ambas as noções de identidade exploradas pelo autor.

O elemento de alteridade também é reunido sob a tutela da narrativa. O caráter contingente dos acontecimentos, que marcam a diferença e a dispersão em contraposição à unidade no tempo, é integrado e torna-se constitutivo da própria narrativa. Além disso, a história de uma vida não se encerra em si mesma, mas está interligada às histórias de outras pessoas. E, por fim, a alteridade ligada às narrativas ficcionais e históricas também confere sentido e unidade à identidade pessoal, visto que o indivíduo se reconhece em personagens históricos, de lendas e romances. Tal reconhecimento é parte do trabalho nunca concluído de identificação de si mesmo. Como observa já em 1983, no ensaio *Morre o Personalismo... Volta a Pessoa*, Ricoeur assegura um lugar de importância fundante para a diversidade na constituição do si: “Só existe o outro se existe o mesmo e *vice-versa*” (Ricoeur, 1996, p. 161, grifo do original).

4 Considerações finais

Resta enfatizar, juntamente com Ricoeur em *L'identité Narrative* (1988), que o conhecimento de si é uma interpretação. Logo, entra em cena o exercício hermenêutico do si, exercício este que demonstra ter como traço indissociável o seu inacabamento. A refiguração de si próprio passa, invariavelmente, pelas mediações postas em cena pela narrativa e pela interpretação que ela proporciona. O conhecimento de si não se dá de forma direta, mas sim por meio do recurso aos signos culturais e a sua arquitetura em torno de uma rede de mediações simbólicas, como as narrativas, que por sua vez operam a articulação da colocação em intriga das ações humanas.

A interpretação de si mesmo traz consigo a abertura de uma possibilidade para a apreensão e compreensão da dialética *idem/ipse*, trazida à luz pela identidade narrativa. Conforme Correia (2000), se realmente é impossível a efetuação de um discurso impessoal sobre si mesmo, já que toda pretensão de neutralidade e impessoalidade está atrelada ao uso em terceira pessoa da linguagem e à necessidade de objetividade, o que não seria possível por, nesse caso, tratar-se de um uso pessoal e subjetivo desta (a linguagem), Ricoeur propõe um conhecimento de si mediato, isto é, que opere um

desvio pelas categorias da narrativa e por sua rede conceitual e simbólica. Por meio destas, acontece uma síntese de experiências interiores e objetivas. Ainda segundo Correia (2000), Ricoeur coloca em cena, desta forma, o tipo de objetividade adequado à questão da identidade pessoal.

Sobre o fato de que a compreensão de si passa por uma interpretação de si, aponta Ricoeur: “A mediação narrativa sublinha este carácter notável do conhecimento de si próprio ser uma interpretação de si próprio. A apropriação da identidade da personagem fictícia pelo leitor é uma das suas formas” (Ricoeur, 2000, p. 194). Segundo a leitura aqui proposta, de todo o percurso traçado, um dos corolários pode ser visto da seguinte forma: o si pode reinterpretar sua própria história, não como uma ficção, mas como um degrau para a projeção de sua ipseidade no futuro. A interpretação de si mesmo pode dirigir a pessoa para a tarefa, que se prefere chamar de possibilidade, de *assumir ser si mesmo*, traço último da identidade-*ipse*, revelado na vontade de constância e na fidelidade à palavra dada. A projeção da ipseidade no futuro, do outro que eu serei, pode ser profundamente enriquecida por uma reflexão hermenêutica de si mesmo e pela identidade narrativa que daí emerge.

Referências

- Aristóteles. (2005) *Metafísica*. 2. ed. Tradução de Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 3 v.
- Corá, Élsio J. (2010) *Reconhecimento, intersubjetividade e vida ética: o encontro com a filosofia de Paul Ricoeur*. Tese (Doutorado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre – RS.
- Correia, Carlos J. (2000) A identidade narrativa e o problema da identidade pessoal. Tradução comentada de “L’identité narrative” de Paul Ricoeur. *Arquipélago*, Lisboa, n. 7, p. 177-194.
- Houaiss, Antônio; VILLAR, Mauro de S. (2008) *Minidicionário Houaiss da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Nascimento, Cláudio R. do. (2009) *Identidade pessoal em Paul Ricoeur*. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria – RS.
- Ricoeur, Paul. (1988) L’identité narrative. *Esprit*, Paris, v. 7, n. 8, p. 295-304.
- (1991) *O si-mesmo como um outro*. Tradução de Lucy Moreira Cesar. Campinas, SP: Papirus.
- (1996) Morre o personalismo, volta a pessoa... In: *Leituras 2: a região dos filósofos*. Tradução de Marcelo Perine e Nicolás N. Campanário. São Paulo: Edições Loyola, p. 163-180.
- (1996) Abordagens da pessoa. In: *Leituras 2: a região dos filósofos*. Tradução de Marcelo Perine e Nicolás N. Campanário. São Paulo: Edições Loyola, p. 163-180.
- (2006) La vida: um relato em busca de narrador. *Ágora – papeles de filosofia*, Santiago de Compostela, v. 25, n. 2, p. 9-22.
- (2006) *Percurso do reconhecimento*. Tradução de Nicolas Nyimi Campanário. São Paulo: Edições Loyola.